



A grande crise espiritual do nosso tempo e o urgente chamado para voltar a Deus

Vivemos numa época paradoxal. Nunca antes a humanidade teve acesso a tanta informação, tanta tecnologia, tanto conforto material e tantas possibilidades de comunicação. No entanto, ao mesmo tempo, nunca existiu um sentimento tão difundido de vazio, ansiedade, solidão e perda de sentido.

O mais surpreendente é que esta realidade não afeta apenas aqueles que se declaram ateus ou agnósticos. Ela também alcança muitos católicos batizados. De fato, um dos fenómenos mais preocupantes que a Igreja enfrenta atualmente é que inúmeros católicos continuam a identificar-se como crentes enquanto vivem, na prática, como se Deus não existisse.

Vão à Missa ocasionalmente. Conservam certas tradições religiosas. Celebram batismos, casamentos e funerais católicos. Podem até rezar de vez em quando. Contudo, quando chega o momento de tomar decisões importantes, organizar prioridades, administrar o tempo, enfrentar o sofrimento ou discernir o sentido da vida, Deus parece estar completamente ausente.

Não estamos necessariamente a falar de uma apostasia formal nem de uma rejeição explícita da fé. Estamos a falar de algo mais subtil e, precisamente por isso, mais perigoso: uma fé reduzida a um rótulo cultural que já não transforma a existência.

Esta é uma das doenças espirituais mais profundas do nosso tempo.

O diagnóstico da Igreja: o ateísmo prático

A teologia católica distingue entre ateísmo teórico e ateísmo prático.

O ateu teórico nega explicitamente a existência de Deus.

O ateu prático, por outro lado, pode afirmar que acredita em Deus e, ainda assim, organizar a sua vida como se Deus não existisse.

Esta segunda forma é particularmente grave porque muitas vezes passa despercebida.

Muitos católicos batizados jamais diriam:



«Não acredito em Deus.»

Mas as suas vidas parecem dizer:

«Deus não tem qualquer influência real sobre as minhas decisões.»

O problema não é apenas intelectual.

É existencial.

É possível acreditar com a mente enquanto se vive com um coração completamente afastado de Deus.

Por isso o Senhor adverte:

«Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim» (Mateus 15,8).

A fé autêntica não consiste apenas em aceitar determinadas verdades doutrinárias. Consiste em permitir que essas verdades transformem toda a vida.

Uma crise anunciada

Muito antes da secularização moderna, a Sagrada Escritura já descrevia esta tentação.

O povo de Israel experimentou repetidamente períodos de prosperidade que acabaram por provocar uma perigosa amnésia espiritual.

Quando as dificuldades desapareciam, o povo começava a esquecer-se de Deus.

Moisés advertiu solenemente:

«Guarda-te de te esqueceres do Senhor teu Deus» (Deuteronómio 8,11).



E acrescentou:

«Não suceda que, depois de comerdes e ficardes saciados, depois de construídes belas casas e nelas habitardes... o vosso coração se ensoberbeça e vos esqueçais do Senhor vosso Deus»
(Deuterónimo 8,12-14).

Estas palavras parecem ter sido escritas para o nosso tempo.

As sociedades ocidentais alcançaram níveis de bem-estar material inimagináveis para as gerações anteriores.

No entanto, muitas pessoas passaram a acreditar, consciente ou inconscientemente, que já não precisam de Deus.

A tecnologia parece substituir a Providência.

A medicina parece substituir a esperança.

A economia parece substituir a confiança.

O entretenimento parece substituir a alegria.

E as redes sociais parecem substituir a comunhão humana.

Mas nenhuma destas coisas pode ocupar o lugar de Deus.

O secularismo: a religião invisível do nosso tempo

Muitas pessoas pensam que o principal inimigo da fé é o ateísmo militante.

Na realidade, o maior desafio atual é o secularismo.

O que é o secularismo?

É uma visão do mundo na qual Deus é considerado irrelevante para a vida quotidiana.



A sua existência não é necessariamente negada.

Ele é simplesmente excluído das decisões reais.

Deus é relegado à esfera privada.

A religião torna-se um passatempo pessoal.

A fé deixa de ser o centro da existência.

Nesta mentalidade, Deus pode estar presente durante uma hora ao domingo, mas ausente durante as outras cento e sessenta e sete horas da semana.

Este fenómeno penetrou até mesmo em muitos ambientes católicos.

Quando Deus deixa de ser o centro

A grande questão espiritual do nosso tempo não é:

«Acreditas em Deus?»

A verdadeira questão é:

«Deus é realmente o centro da tua vida?»

Porque é possível acreditar em Deus e, ainda assim, viver centrado em si mesmo.

É possível rezar e continuar escravo do ego.

É possível participar na Missa e continuar a colocar o dinheiro, o prazer, o sucesso profissional ou a aprovação social acima de Deus.

O Primeiro Mandamento continua a ser o fundamento de toda a vida espiritual:

«Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente» (Mateus 22,37).

Reparemos que Cristo não diz uma parte do teu coração.



Ele diz todo.

A conversão autêntica começa quando Deus deixa de ocupar apenas um canto da nossa vida e volta a ocupar o trono que Lhe pertence.

As causas desta indiferença espiritual

1. O materialismo moderno

O homem contemporâneo está rodeado de estímulos constantes.

Vivemos obcecados por produzir, consumir, comprar e acumular.

O problema não está em possuir bens materiais.

A Igreja nunca condenou a prosperidade legítima.

O problema surge quando os bens materiais ocupam o lugar de Deus.

Jesus foi extraordinariamente claro:

▮ *«Não podeis servir a Deus e ao dinheiro» (Mateus 6,24).*

A idolatria moderna raramente assume a forma de estátuas pagãs.

Hoje assume a forma de contas bancárias, carreiras profissionais, prestígio social e conforto pessoal.

2. A ditadura da imediatidade

A vida espiritual exige paciência.

A cultura moderna exige resultados imediatos.

Queremos respostas imediatas.

Gratificação imediata.



Sucesso imediato.

Mas Deus frequentemente age lentamente.

A oração exige perseverança.

A santificação exige anos.

A maturidade espiritual exige uma vida inteira.

Muitos desistem porque esperam que a sua relação com Deus funcione como uma aplicação móvel.

3. O ruído constante

Nunca foi tão difícil permanecer em silêncio.

Telemóveis.

Redes sociais.

Vídeos.

Notícias.

Mensagens.

Notificações.

A alma necessita de espaços de silêncio para ouvir Deus.

Sem silêncio interior, a voz divina é abafada por milhares de vozes humanas.

Não é por acaso que Deus falou ao profeta Elias não no terramoto nem no fogo, mas no «murmúrio de uma brisa suave» (1 Reis 19,12).

4. A perda do sentido do sobrenatural

Uma das tragédias mais graves do nosso tempo é que muitos católicos perderam a consciência da eternidade.



Pensa-se pouco no Céu.

Pensa-se pouco no juízo.

Pensa-se pouco na salvação.

Pensa-se pouco na santidade.

Tudo é reduzido ao aqui e agora.

Mas o cristão vive orientado para uma realidade infinitamente maior.

Como recorda São Paulo:

| *«A nossa pátria está nos céus» (Filipenses 3,20).*

As consequências espirituais

Quando Deus desaparece do centro da vida, algo inevitavelmente ocupa o Seu lugar.

E seja o que for, nunca conseguirá satisfazer plenamente o coração humano.

Santo Agostinho expressou esta verdade numa das frases mais célebres da história cristã:

| *«Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não repousar em Ti.»*

A crise de sentido, a ansiedade existencial, o desespero e o vazio espiritual que caracterizam o nosso tempo são, em grande medida, consequências da tentativa de construir uma civilização sem Deus.

O homem pode ignorar Deus.

Mas não pode eliminar a necessidade de Deus inscrita na sua própria natureza.



Como voltar a viver com Deus no centro?

A resposta não consiste em grandes teorias.

Consiste numa conversão concreta.

Recuperar a oração diária

Não existe vida cristã sem oração.

Não se trata apenas de rezar quando surgem problemas.

A oração é a respiração da alma.

Um católico que não reza acabará inevitavelmente por afastar-se de Deus.

Voltar aos sacramentos

A confissão frequente e a receção digna da Sagrada Eucaristia são pilares essenciais.

Cristo não nos deixou apenas ensinamentos.

Deixou-nos sacramentos.

E é precisamente através deles que comunica a Sua graça.

Redescobrir a leitura espiritual

Muitos católicos consomem horas de conteúdo digital todos os dias, mas dedicam apenas alguns minutos às Escrituras.

A Palavra de Deus transforma a mente e o coração.

Santificar a vida quotidiana

A santidade não está reservada aos mosteiros e conventos.

Deus pode ser encontrado no trabalho, na família, nas tarefas domésticas e nas responsabilidades diárias.



O verdadeiro desafio consiste em viver cada momento na presença de Deus.

Recuperar o sentido da eternidade

Recordar que esta vida é uma peregrinação muda completamente a nossa perspetiva.

As preocupações temporais encontram a sua justa medida quando contemplamos as realidades eternas.

O grande desafio da nova evangelização

Hoje a Igreja não enfrenta apenas aqueles que nunca conheceram Cristo.

Ela também deve reevangelizar milhões de batizados que esqueceram como viver de acordo com a fé que professam.

A nova evangelização começa em cada um de nós.

Antes de perguntarmos por que razão o mundo vive afastado de Deus, devemos perguntar-nos:

Deus é realmente o centro da minha vida?

Molda as minhas decisões?

Influencia as minhas prioridades?

Transforma as minhas relações?

Dirige os meus projetos?

Porque a fé autêntica não consiste apenas em acreditar que Deus existe.

Até os demónios acreditam nisso.

Como escreve São Tiago:

«Tu acreditas que há um só Deus? Fazes bem. Também os demónios acreditam e tremem» (Tiago 2,19).



A verdadeira fé consiste em confiar em Deus, obedecer-Lhe, amá-Lo e viver para Ele.

Conclusão: voltar ao Deus vivo

Talvez a grande tragédia espiritual do nosso tempo não seja o ateísmo declarado.

Talvez seja algo muito mais silencioso: cristãos batizados que aprenderam a viver sem realmente contar com Deus.

Contudo, há sempre esperança.

Cristo continua a chamar.

Continua a procurar.

Continua à espera.

Continua a bater à porta do coração humano.

A questão decisiva não é saber se Deus está presente.

Deus está sempre presente.

A questão é saber se estamos dispostos a colocá-Lo novamente no lugar que Lhe pertence.

Porque quando Deus regressa ao centro, tudo encontra a sua verdadeira ordem.

A fé deixa de ser um simples hábito.

A religião deixa de ser uma tradição vazia.

E a vida inteira adquire um significado novo, profundo e eterno.

Num mundo que vive como se Deus não existisse, os santos são precisamente aqueles que vivem como se Deus fosse real.

Porque sabem que Ele é.